

O TEATRO COMO UM INSTRUMENTO DE PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

Amailson Sandro de Barros¹

RESUMO: Neste texto, apresenta-se uma experiência de prevenção ao abuso sexual contra crianças realizada a partir de um projeto de extensão universitária, vinculado ao curso de Psicologia/UFMT, que se utilizou de uma peça teatral para sensibilizar e dialogar com o público infantil sobre o tema. Pautada no diálogo problematizador, ao final de cada apresentação da peça de teatro foi realizada uma roda de conversa com o público-alvo como forma de aproximar e socializar conhecimentos e saberes sobre o abuso sexual. Neste momento, eram destacados os elementos da encenação que revelavam a dinâmica do abuso sexual para, assim, contribuir com o fortalecimento de ações de proteção e autocuidado das crianças. Os fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Social Comunitária, da Educação Popular e do Teatro Essencial foram os balizadores da materialização dessa experiência. Observou-se que o desenvolvimento das atividades contribuiu para a formação acadêmica dos extensionistas e para o processo educativo das crianças, colaborando para a quebra de mitos a respeito da violência e mostrando-se uma ação potente de prevenção ao abuso sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Artes cênicas. Abuso Sexual Infantil. Educação Preventiva.

THE THEATER AS AN INSTRUMENT TO PREVENT SEXUAL ABUSE AGAINST CHILDREN

ABSTRACT: This paper reports an experience of sexual abuse prevention against children carried out from a university extension project, linked to the Psychology/UFMT course, which uses a theater play to raise awareness and to dialogue with children on the subject. A conversation was held with the targeted audience at the end of each play performance, based on the problem raising dialogue, to address and share knowledge about sexual abuse. At this moment, the elements of theatrical performance, that revealed sexual abuse, were highlighted, in order to strengthen protective and self-care actions by the children. The theoretical and methodological basis of Community Social Psychology, Popular Education and Essential Theater were the benchmarks to accomplish this experience. It was observed that the development of these activities contributed to the academic training of the undergraduates and to the educational process of children, collaborating to unveil myths about violence and showing a potential action to prevent sexual abuse against children.

KEYWORDS: Performing arts. Child sexual abuse. Preventive education.

Recebido em: 16/07/2020

Aceito em: 12/07/2022

¹Universidade Federal do Mato Grosso
e-mail: amailsonbarros@gmail.com

Introdução

Como fenômeno social e histórico, o abuso sexual infantil é um tipo de violência que envolve diferentes formas de manifestações (com e sem contato físico) e que a depender das relações imediatas estabelecidas entre vítima e autor(a) do abuso se classifica em intrafamiliar e extrafamiliar (SANCHES; MINAYO, 2006). Como toda violência, o abuso sexual aparece nos mais diversos contextos étnicos, sociais, religiosos e culturais (CANTERA, 2002).

Em geral, o abuso sexual infantil pode ser definido como o envolvimento de crianças

em atividades sexuais com um adulto ou com qualquer pessoa um pouco mais velha ou maior, em que haja uma diferença de idade, de tamanho ou de poder, em que a criança é usada como objeto sexual para a gratificação das necessidades ou dos desejos, para a qual ela é incapaz de dar consentimento consciente por causa do desequilíbrio no poder, ou de qualquer incapacidade mental ou física. (SANDERSON, 2008, p. 17)

No âmbito das consequências psicossociais, o abuso sexual infantil provoca reações diversas e significativas às vítimas, às famílias e à comunidade. Entre essas consequências podem ser listadas, por exemplo: ruptura da estrutura familiar - em casos de abuso sexual intrafamiliar-, rompimento de vínculos afetivos, desenvolvimento de algumas psicopatologias, lesões físicas, infecções sexualmente transmissíveis, isolamento, culpa, desamparo, medo, raiva, falta de confiança, sentimento de vingança e o silenciamento que contribui para a invisibilidade do fenômeno (MALGARIM; BENETTI, 2011; MAIA; BARRETO, 2012; BARROS; FREITAS, 2015; SIQUEIRA; ARPINI; SAVEGNAGO, 2011).

A literatura sobre o tema indica que ainda há um alto índice de subnotificação desse tipo de violência e aponta a necessidade de se trabalhar a prevenção como estratégia de cuidado e de proteção às crianças (BRINO; WILLIAMS, 2009; SANDERSON, 2008; ANDRADE; SOUSA, 2013; AMARO, 2014). Para Brino e Williams (2009), a prevenção ao abuso sexual pode ocorrer a partir de três níveis: o primário, o secundário e o terciário.

No nível primário, as atividades de prevenção realizadas junto à população alvo têm como objetivos: desenvolver processos educativos libertários, sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre determinada situação ou tema, oportunizar a circulação de informações sobre a temática trabalhada, contribuir para a construção e o compartilhamento de conhecimentos, incidir na diminuição e superação de ocorrências de abuso sexual, favorecer a denúncia e contribuir para o fortalecimento da rede social e protetiva das crianças, da família e da comunidade.

Em um enfoque secundário, as ações de prevenção buscam impedir a repetição dessa violência e diminuir os danos psicológicos causados às vítimas, inclusive durante seus atendimentos nos diversos serviços do sistema de garantia de direitos. Já um enfoque terciário, “tem como objetivo o acompanhamento da vítima e do agressor por profissionais adequados e capacitados, a fim de amenizar ou evitar sequelas do abuso sexual e consequências a longo prazo” (WOLFE, 1998 citado por BRINO; WILLIAMS, 2009, p.20).

Considerando que as práticas preventivas podem contribuir para o processo de visibilidade e de superação do fenômeno da violência sexual infantil, constituindo-se em um trabalho de relevância social na agenda de atuação e de formação profissional, é que se realizou o projeto de extensão universitária denominado “O uso do teatro como experiência comunitária de prevenção ao abuso sexual contra crianças”, vinculado ao programa de extensão Núcleo de Estudos e Práticas de Psicologia Social Comunitária, do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. A escolha pela atividade de prevenção, a partir de uma peça teatral, assentou-se na possibilidade de reunir as crianças e a comunidade para discutir o tema “abuso sexual”, abordando-o de forma lúdica e interligado à uma reflexão crítica via o diálogo problematizador na interação personagens-plateia.

Situado no nível primário de prevenção, o projeto em tela foi realizado por uma equipe formada por oito estudantes extensionistas do Curso de Psicologia e um docente responsável pela atividade de extensão. O projeto foi executado no período de maio de 2019 a abril de 2020.

Aportes teóricos adotados

Os aportes teórico-metodológicos que orientaram o desenvolvimento desse projeto se inserem no campo da Psicologia Social Comunitária (FREITAS, 2015; LANE, 2004; MARTÍN-BARÓ, 2003), da Educação Popular (FREIRE, 2013, 2015) e do Teatro Essencial (STOKLOS, 1987, 1993). Em comum esses campos discutem a formação e a relação indivíduo-sociedade considerando os aspectos sócio-históricos que marcam essa formação e relação. A partir destas perspectivas, há o reconhecimento ontológico da capacidade de transformação do ser humano, dos fenômenos sociais e da sociedade como um todo. O ser humano é considerado um ser social e sujeito ativo, criativo e transformador (LANE, 2004; MARTÍN-BARÓ, 2003; FREIRE, 2013; STOKLOS, 1987), que provoca mudanças sociais e históricas, ao mesmo tempo em que é determinado pelas condições sociais nas quais está inserido. O que implica dizer que ele é produto e produtor “não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade” (LANE, 2004, p. 15). Apreende-se que as intervenções humanas no mundo são sócio-historicamente marcadas pela própria ação do ser humano. O que indica a possibilidade de o ser humano em ser mais (FREIRE, 2013). A apropriação epistemológica desses aportes marcou a organização e a realização do trabalho preventivo realizado com a comunidade dentro do projeto de extensão aqui apresentado.

Do campo da Psicologia Social Comunitária consideraram-se: os conhecimentos acumulados por essa psicologia sobre metodologias de inserção na comunidade e estratégias de ação a partir de questões concretas da vida cotidiana; a premissa da potencialidade das práticas comunitárias na prevenção ao abuso sexual infantil; o fortalecimento de convivência digna entre as pessoas e a formação de redes de apoio (social e afetiva) solidárias (FREITAS, 2015; LANE, 2004; MARTÍN-BARÓ, 2003; 2012; BARROS; FREITAS, 2015). Dessa perspectiva teórica, compreendeu-se também que a formação de uma nova sociabilidade, que seja mais justa e equânime, tem seu esteio no compromisso com a transformação social e a melhoria das condições de vida de grande parcela da população (FREITAS, 2015; LANE, 2004). O que se liga à superação de relações sociais e afetivas opressoras e aviltantes, assentadas no modo de produção capitalista.

No aspecto ético-político das práticas preventivas, a Psicologia Social Comunitária tem dado destaque a importância de se compreender os elementos histórico-sociais que envolvem as situações de violência no cotidiano das famílias e das comunidades, a fim de contribuir para análises interpretativas mais amplas desse fenômeno e o desvelamento de seu fundo ideológico (MARTÍN-BARÓ, 2012; BARROS, 2016, FREITAS; BARROS, 2015). Os trabalhos desenvolvidos a partir dessa psicologia compreendem que a interpretação da realidade e do fenômeno da violência envolve um movimento histórico-dialético do pensamento e do entendimento da luta de classes com o objetivo de uma compreensão crítica e transformadora, que seja capaz de estimular a emancipação e a libertação humana e social (FREITAS, 2012; GUZZO, 2009)

Da Educação Popular foram seguidos os princípios da conscientização, do diálogo, da problematização e do inédito-viável (FREIRE, 2013; 2015; 2001), com vistas a elaboração de um trabalho de prevenção que fosse um ato educativo-político, que contribuísse para o fortalecimento de estratégias de proteção e de denúncia de situações de abuso sexual, por parte das vítimas e da própria comunidade. Em tal sentido, a realização de uma prática preventiva que valorizasse elementos regionais da cultura popular e que destacasse a vida cotidiana das crianças em suas interações interpessoais na família e na escola foram elementos considerados

fundamentais para o estabelecimento de um diálogo problematizador sobre o abuso sexual. Buscou-se através da interação dialógica com as crianças que essas pronunciassem suas palavras mediadas pela encenação teatral, criando com isso, possibilidades para o desenvolvimento do processo de conscientização.

Paulo Freire (2001, p. 30) define a conscientização como processo humano de “desenvolvimento crítico da consciência [...]. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognicível”. Para o autor, a conscientização assume um compromisso histórico e político que não existe fora da unidade dialética ação-reflexão. “A conscientização produz a desmitologização” (FREIRE, 2001, p. 33). O que contribui para o rompimento de crenças e de ideias que sustentam relações sociais e modos de vida que oprimem, que naturalizam a violência no cotidiano e que sustentam discursos e posturas fatalistas diante da realidade e das situações-limite que necessitam ser enfrentadas e superadas (FREIRE, 2001; MARTÍN-BARÓ, 2017).

Martín-Baró (2017) destaca que o fatalismo limita e ofusca a capacidade humana em promover mudanças pessoais e sociais mais amplas, pois naturaliza as desigualdades e relações de dominação. Nesse cenário, Paulo Freire aposta no diálogo, advindo de uma educação libertadora, como um dos instrumentos necessários ao processo de conscientização e superação do fatalismo. Para Freire (2013, p.109), o diálogo é um ato libertador que não se reduz a uma “simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes”. Na perspectiva freireana, o diálogo, como prática libertadora, exige valorização dos diversos saberes e conhecimentos pronunciados sobre os seres humanos e o mundo, bem como, humildade e confiança entre os interlocutores.

Ademais, o diálogo implica a problematização do pensamento ingênuo com o intuito de desenvolver o pensamento crítico (FREIRE, 2013). A problematização se configura como uma ação questionadora e reflexiva, que se estabelece no e pelo diálogo. Ao problematizar, busca-se extrapolar o senso comum, desnaturalizando situações e fenômenos sociais, compreendendo-os para além da aparência e como resultados do movimento histórico da ação humana. O diálogo problematizador favorece o surgimento do inédito-viável (FREIRE, 2000; 2017). Ou seja, “a possibilidade inédita da ação” (FEITOSA, 2011, p.76). Ação que é necessária, percebida e destacada no coletivo para o enfrentamento, superação e transformação da realidade social e pessoal.

Do Teatro Essencial, proposto por Denise Stoklos (1987), foram seguidas as orientações metodológicas para a montagem e a apresentação da peça teatral, cuidando para potencializar “a presença cênica do atuante e a minimização do uso de elementos cênicos” (SILVA, 2008, p.63). Nesse sentido, cuidou-se para que a encenação não fosse carregada em elementos e adereços cênicos e cenográficos. A opção foi a busca pela qualidade da expressão corporal e a não caricatura das personagens.

O fazer teatral, dentro desta estética e metodologia artística, valoriza, também, o processo criativo-reflexivo-vivencial genuíno dos atuantes e da plateia, pois parte de situações concretas da vida humana, abrangendo sua complexidade. Para Silva (2008, p.83), nesse processo busca-se o estabelecimento de “conexões entre épocas, lugares, pessoas, eventos, situações, referências”, para com isso contribuir com o processo de conscientização. Ao extrapolar a aparência e a imediatividade dos fenômenos cotidianos, as mediações que sustentam este real aparente são problematizadas ao longo da encenação para a reflexão do e com o público.

Em sua dimensão político-educativa, o Teatro Essencial se caracteriza pelo compromisso com o desencadeamento de reflexões críticas e contracorrentes à sociabilidade hegemônica, buscando o exercício de processos criativos e o aprimoramento cognitivo-corporal da sensibilidade humana e sua forma política de estar no mundo (STOKLOS,1993; SILVA,

2008). O teatro nesse sentido é potente meio e instrumento de produção da consciência crítica (FREIRE, 2001).

Metodologia adotada para o trabalho de prevenção e de montagem da peça teatral

Para a montagem da peça de teatro foram considerados os seguintes momentos: estudos aprofundados sobre o tema abuso sexual; leitura da obras infantis “Chapeuzinho Cor de Rosa e a Astúcia do Lobo Mau”- da autora Cláudia Bonete (2018)- “Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância”- da autora Caroline Arcari (2013); adaptação das obras infantis para a linguagem teatral; ensaios e confecções dos figurinos; apresentações da peça teatral e realização das rodas de conversa com o público.

A sistematização de cada etapa foi orientada pelas premissas da metodologia participativa (BRANDÃO, 2010), cuidando-se para que houvesse, entre os participantes do projeto, uma interação pessoal e artística colaborativa e dialógica, de forma que ocorresse horizontalidade nas proposições das ações, nas resoluções de problemas, na escolha dos temas-geradores que subsidiariam as reflexões e os estudos teóricos, e, principalmente, no diálogo com o público.

Apresentação das atividades

a) Estudos teóricos sobre o tema abuso sexual

Este momento foi marcado por encontros semanais de estudo, nos quais eram debatidos teoricamente as questões psicossociais e históricas do fenômeno da violência infantil, em especial do abuso sexual. Ao todo foram realizados 20 encontros. Cada encontro teve duração mínima de três horas.

Visando o incentivo de ações coletivas e a participação ativa do grupo de extensionistas na materialização do trabalho preventivo, os princípios teórico-metodológicos da Psicologia Social Comunitária e da Educação Popular Freireana também foram contemplados durante esses encontros.

b) Leitura das obras infantis

Este momento foi marcado pela leitura flutuante e aprofundada dos livros “Chapeuzinho Cor de Rosa e a astúcia do Lobo Mau” e “Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância” (quadro 01).

A escolha por estas obras literárias ocorreu pela possibilidade de seus conteúdos contribuírem para a sensibilização das crianças sobre a existência do fenômeno abuso sexual e pela potencialidade de informá-las a respeito da dinâmica que envolve este tipo de violência infantil.

Quadro 01 – Síntese das obras infantis selecionadas para a montagem da peça teatral

<p>Chapeuzinho Cor de Rosa e a astúcia do Lobo Mau (BONETE, 2018)</p> <p>Inspirada no conto infantil Chapeuzinho Vermelho, dos Irmão Grimm, o livro infantil Chapeuzinho Cor de Rosa e a astúcia do Lobo Mau, escrito por Bonete (2018), conta a história de Chapeuzinho Cor de Rosa, uma menina, que ao saber que sua vovozinha estava doente, resolve ir visita-la depois da aula. No caminho, ela encontra o Lobo Mau e os dois se tornam amigos. Com o passar do tempo, a amizade entre os dois vai se fortalecendo, até que em um dia, o Lobo acaricia o corpo de Chapeuzinho de modo que a deixa constrangida e desconfortável. Após acariciar a Chapeuzinho, o Lobo pede a ela segredo sobre o acontecido. Em troca, promete presenteá-la. A vovó, percebendo mudança no comportamento da neta, conversa com ela para saber o que estava acontecendo. Chapeuzinho conta a vovó sobre a sua amizade com o Lobo e sobre o comportamento dele com ela. A vovó fica sabendo que a neta estava sendo abusada sexual pelo Lobo. Os pais de Chapeuzinho procuram o Conselho Tutelar, realizam a denúncia e o Lobo Mau é preso. Na escola, Chapeuzinho, seus coleguinhas e professores organizam uma campanha para alertar as crianças e a comunidade sobre a necessidade das crianças se protegerem de situações de abuso sexual.</p>	<p>Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância (ARCARI, 2013)</p> <p>Pipo e Fifi são dois monstros que são irmãos. A partir dessas duas criaturinhas, a autora Caroline Arcari apresenta às crianças as partes íntimas do corpo humano e o cuidado que se deve ter com elas. Na história, protagonizada por Pipo e Fifi, Fifi apresenta os toques do SIM e Pipo, os toques do NÃO. Os toques do SIM se relacionam aos carinhos e aos cuidados pessoais que as crianças recebem dos adultos e que não geram à elas quaisquer desconfortos. Os toques do NÃO se referem aos toques que causam desconfortos e que são desagradáveis para as crianças. O livro aborda a importância de a criança falar para pessoas adultas e de confiança qualquer situação ruim e desconfortável que tenha vivenciado. Na história, a professora de Pipo e Fifi, a Dona Sofia, é apresentada como exemplo de pessoa adulta e de confiança dos dois monstros. O livro também oportuniza a discussão sobre serviços/instituições e profissionais que compõem a rede de proteção à infância, como a escola/professores, conselho tutelar/conselheiros tutelares, delegacia/policiais, posto de saúde/enfermeiros, médicos. A versão online do livro pode ser acessada nos endereços eletrônicos: www.pipoefifi.org.br www.educacaosexual.org.br</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Bonete (2018); Arcari (2013)

c) Adaptação dos livros infantis para a linguagem teatral

A adaptação dos livros para a linguagem teatral partiu de um processo de experimentação criativa entre os participantes do projeto. Após leitura aprofundada das obras infantis, foram realizadas discussões sobre as ideias centrais de cada livro e destacadas as passagens mais significativas de aproximação e de conflitos entre as personagens, e as situações pertinentes ao objetivo da atividade de prevenção.

Considerando o foco narrativo das duas obras, estabeleceu-se a eliminação da presença dos narradores em cada história, de maneira que o drama absoluto (SZONDI, 2001) ganhasse visibilidade pelo discurso direto das personagens. As características físicas e psicológicas das personagens foram estabelecidas, o contexto cultural e o tempo cronológico da história foram definidos a fim de aproximar as personagens e o enredo do cotidiano do público-alvo. Sendo assim, o espaço definido para o desenvolvimento da história foi a cidade urbanizada em que vivem as crianças no tempo atual. Os atos, divisões das cenas da peça, ocorreram em três ambientes: escola, floresta e casa da vovó.

Na busca pelo destaque e valorização da cultura popular, músicas, danças folclóricas e a variação fonológica da linguagem da região foram incorporadas cuidadosamente à peça teatral e na formação das personagens para ganho dramático. Neste momento, foi definido que o nome da peça seria Chapeuzinho Cor de Rosa.

d) Montagem da peça teatral: ensaios, cenários e figurino

A montagem da peça teatral partiu do texto adaptado. Durante os ensaios, o texto foi ampliado pelas improvisações que surgiam na interação entre as personagens. No movimento de domínio e interpretação do texto, a autonomia das personagens na condução dos diálogos e do enredo deu nuances particulares às cenas e para as suas expressões emocionais e gestuais, indo para além das rubricas presentes no texto elaborado para a encenação.

O processo criativo, vivido durante os ensaios, contribuiu para a escolha dos elementos cenográficos essenciais (STOKLOS, 1987;1993) aos três espaços fictícios da história. Apresentados simbolicamente, tais espaços alternavam-se no palco ou na área destinada para as apresentações. De maneira lúdica e inesperada, um tecido de chita, todo florido, se tornava a floresta. Almofadas dispostas no chão serviam como pedras e viravam bancos escolares. Uma vassoura e um rádio portados em cena pela Vovozinha de Chapeuzinho Cor de Rosa, marcavam o espaço cenográfico da vovó e seu dia a dia (trabalho e lazer, limpar a casa e frequentar os bailes realizados nos Centros de Convivência de Idosos).

A formação das personagens passou também pela criação de seus figurinos. Para isso, foi considerado que, como instrumento mediador e dialógico, os figurinos, em consonância com o texto e os elementos cenográficos, deveriam contribuir para o processo imagético e produção de sentidos, cuidando para não se sobreponem a potência corporal, simbólica e vocal das personagens. Assim, operavam-se mudanças de espaço cénico e de personagens, como por exemplo: As coleguinhas de escola da Chapeuzinho Cor de Rosa a partir de mudanças corporais e de inclusão de um discreto adereço no figurino se transformavam em árvores da floresta e no policial que realizava a busca pelo Lobo.

e) Apresentação da peça e a realização das rodas de conversa

As apresentações da peça teatral e as rodas de conversa tiveram dois tempos específicos: Tempo I - Apresentação piloto da peça teatral para profissionais e acadêmicos das áreas de Psicologia, Serviço Social e Pedagogia e realização de roda de conversa com os mesmos; Tempo II - Apresentação da peça teatral nas comunidades e rodas de conversa com o público que assistiu ao teatro.

No primeiro tempo, a peça teatral e a roda de conversa foram realizadas com profissionais que atuam diretamente no atendimento de crianças a partir das políticas públicas de saúde, assistência social e segurança pública, e estudantes universitários interessados na temática. O objetivo de realizar uma apresentação piloto da peça teatral, foi o de buscar elementos e reflexões que contribuíssem para potencializar o trabalho de prevenção, e com isto adequar, a partir dos conteúdos da roda de conversa com profissionais e estudantes, as cenas e as falas das personagens. Este momento serviu para avaliar a estética teatral adotada, os limites e os possíveis alcances do trabalho de prevenção proposto.

A partir das considerações desse público, algumas cenas foram alteradas para adequá-las aos conteúdos que deveriam receber maior destaque na encenação. Falas e marcações de cena foram suprimidas e inseridas sem prejuízos ao enredo. Novos ensaios ocorreram até que a peça estivesse apta para sua estreia junto ao público infantil.

O segundo tempo refere-se às apresentações para as crianças em diversas comunidades do município onde a ação preventiva foi desenvolvida. Essas apresentações ocorreram em escolas de ensino fundamental e centros comunitários. Nas escolas, o público que assistiu ao teatro foi organizado de acordo com a faixa etária das crianças. Nas apresentações realizadas nos centros comunitários não foi possível seguir esta organização e divisão. Nesses espaços comunitários, crianças, adolescentes e adultos acompanharam juntos a encenação.

Resultados e discussões

Alguns resultados observados pelo projeto indicaram as repercussões da ação para os discentes e a comunidade, apontando para o processo de aprendizagem que envolveu a atividade de extensão como um todo.

Os resultados foram sistematizados nos seguintes eixos: a) desenvolvimento de aprendizagem teórico-prático dos estudantes envolvidos no projeto de extensão; b) repercussões da ação extensionista para o entendimento da dinâmica do abuso sexual pelo público infantil; c) participação da comunidade nas ações do projeto; d) desdobramentos não previstos na execução da ação.

a) Desenvolvimento de aprendizagem teórico-prático dos estudantes extensionistas envolvidos no projeto de extensão

O processo de aprendizagem teórico-prático dos estudantes participantes do projeto pode ser observado a partir de alguns ganhos obtidos por essa atividade. Entre eles destacam-se:

* os momentos destinados aos encontros presenciais para estudos teóricos sobre a temática central do projeto e as bases metodológicas da Psicologia Social Comunitária e da Educação Popular –pôde contribuir para aproximar os estudantes de uma reflexão sócio-histórica e crítica do fenômeno da violência sob uma perspectiva psicossocial e educativa libertadora (MARTÍN-BARÓ, 2012; BARROS, 2016; GUZZO et al, 2019).

* a vivência de um processo participativo-educativo – pela qual os estudantes puderam aprender aspectos técnico-operativos e metodológicos para a realização de um trabalho de prevenção ao abuso sexual infantil a partir dos pilares teóricos que orientaram a condução do projeto. Ao longo do projeto, os momentos vividos pelos estudantes oportunizaram processos criativos e o compromisso ético-político da psicologia com a proteção da infância e a erradicação da violência.

* a aproximação do grupo de extensionistas com a atuação e a formação acadêmico-profissional em psicologia nos contextos comunitários – o que contribuiu para a reflexão do saber-fazer da Psicologia Social Comunitária e da Educação Popular de modo contextualizado e partindo de situações concretas da vida cotidiana.

Em consonância com outros estudos que indicam a importância das universidades públicas em realizar atividades de extensão participativas que se assentem na elaboração da práxis, a ação extensionista apresentada neste texto, possibilitou aos estudantes o desenvolvimento coletivo de um trabalho social útil (ARAÚJO, 2018), ético e politicamente posicionado.

b) Repercussões da ação extensionista para o entendimento da dinâmica do abuso sexual pelo público infantil

Corroborando estudo de Silva, Barreto e Reis (2017) de que a linguagem teatral, assentada nos ideais libertários e emancipatórios, é um rico instrumento de comunicação que contribui para ações educativas estimulantes, integradoras e participativas, a realização do projeto mostrou-se potente para o processo de socialização de saberes e conhecimentos sobre o abuso sexual e o desenvolvimento do pensamento crítico tanto dos atores (estudantes extensionistas) quanto da plateia.

Resultados observados indicaram sensibilização do público para a temática da violência sexual; reconhecimento da dinâmica que envolve situações de abuso sexual (ameaças, barganhas, silêncio, medo, vergonha, culpa, entre outros); reconhecimento de possíveis redes

de apoio social e afetiva para denunciar situações de abuso sexual (Escola, CRAS, Conselho Tutelar, Polícia Militar, Delegacia Especializada de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e outras, Disque 100, Familiares de confiança) e estratégias de proteção.

Pode-se verificar que as crianças naturalizavam em suas falas o uso da violência física e verbal como uma estratégia do adulto impor-lhes limites e educá-las. De acordo com Santiago e Mattioli (2009), os sentidos e os significados que as crianças atribuem à violência vivenciada ou sofrida não se elaboram deslocados da realidade concreta na qual elas (as crianças) estão inseridas. Segundo essas autoras, as diversas experiências vividas na infância influem substancialmente na formação psíquica das crianças e contribuem para o processo de objetivação e subjetivação humana. Nessa perspectiva, ao problematizar com as crianças as justificativas do uso da violência como estratégia educativa, utilizada pelos adultos, foi possível refletir com elas o fenômeno da violência como expressão social, cultural e histórica (BARROS, 2016; MARTÍN-BARÓ, 2003) e dialogar sobre formas de superá-la.

No que tange ao abuso sexual vivido pela personagem Chapeuzinho Cor de Rosa, este foi reconhecido e nomeado pelas crianças a partir de expressões como “o Lobo fez besteira com ela” (sic), “Ele fez toque do não no corpo dela”, “Ela foi invadida” (sic), “O Lobo enganou ela e fez coisa feia” (sic). Quando problematizada com as crianças a dificuldade da personagem em relatar a violência sofrida, essas verbalizaram o que a literatura científica aponta: que no processo de silenciamento da vítima estão presentes questões como o medo, as ameaças, a barganha, o sentimento de culpa e a vergonha (SANDERSON, 2008; HOFFMEISTER, 2013; FURNISS, 1993).

c) Participação da Comunidade nas ações do projeto

Durante a vigência do projeto, a peça teatral “Chapeuzinho Cor de Rosa” foi apresentada seis vezes em comunidades diferentes do perímetro urbano. Ao todo mais de 150 pessoas assistiram ao teatro. Na realização das rodas, após a encenação, observou-se que as crianças na faixa etária de seis a 11 anos foram as mais participativas nas conversações sobre o tema do teatro.

Demonstrando maior domínio vocabular, essas crianças também identificaram e nomearam com maior facilidade situações de abuso sexual (com e sem envolvimento físico); exemplificaram formas de denunciá-lo e compreensão de que não existe um estereótipo da pessoa que pratica a violência sexual infantil, podendo ser essa pessoa ser homem ou mulher.

Em relação as crianças menores, abaixo dos cinco anos de idade, essas demonstraram compreensão de que o Lobo tinha feito “toque do não na Chapeuzinho” (sic), porém apresentaram dificuldades em apontar como, para quem e onde pedir ajuda diante de uma situação de violência e toques do não.

Na realização das rodas de conversa foram enfrentadas algumas dificuldades como: manter a atenção das crianças menores durante as discussões e reflexões, lidar com situações de indisciplina entre as crianças e neutralizar manifestações de desrespeito durante falas de colegas mais próximos do convívio afetivo delas.

A participação das crianças nas rodas de conversa, realizadas nas comunidades, não foi estabelecida considerando o critério de divisão do público infantil em faixa etária. Concluiu-se que a interação das crianças com idades diferentes não apresentou limitação para a realização das atividades de prevenção. Ao contrário, o diálogo-reflexivo entre crianças com idades diferentes se configurou, mediado pelos estudantes extensionistas, em um encontro potente para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico entre as crianças (DUARTE; ALVES; SOMMERHALDER, 2017; SOUZA; BATISTA, 2008).

Observou-se baixa participação de adultos (cuidadores ou não das crianças) no montante do público que assistiu às apresentações do teatro. Apenas em uma roda de conversa, o público

adulto participou de maneira mais ativa. A inexpressiva participação dos adultos nas apresentações do teatro e nas rodas de conversa apresentou-se como desafio a ser superado nas próximas edições do projeto.

d) Desdobramentos não previsto na execução da ação

À medida em que as ações do projeto eram concretizadas, duas estudantes extensionistas realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre trabalhos de intervenção da Psicologia junto às pessoas que abusam sexualmente de crianças e adolescentes. A pesquisa resultou em um manuscrito encaminhado para publicação à revista científica da área de Psicologia e aguarda por avaliação por pares às cegas.

Outro desdobramento, foi a realização de um encontro acadêmico de abrangência local que buscou discutir e refletir, com profissionais e universitários de diversas áreas do conhecimento, o fenômeno da violência no contexto social e familiar. As mesas redondas realizadas no referido evento relacionaram os diversos tipos de violência e seus impactos psicossociais na vida cotidiana das vítimas, das famílias e das comunidades. Outros temas abordados se referiram ao uso de estratégias lúdicas no atendimento de crianças vítimas de violência e as questões ético-legais do trabalho da Psicologia no atendimento direto a pessoas vítimas de violência.

Alguns comentários finais

Nesta ação de prevenção primária ao abuso sexual infantil foi possível desenvolver momentos de conhecimentos teórico-metodológicos em uma perspectiva educativo-comunitária crítica (FREITAS, 2012; 2015), dialógica e comprometida com o processo de conscientização sobre o fenômeno do abuso sexual infantil e outras formas de violência. Utilizar o teatro como instrumento e estratégia de prevenção possibilitou vivências criativas aos extensionistas que certamente contribuíram para o desenvolvimento de habilidades pessoais e acadêmicas que, acredita-se, reverberarão profissionalmente no trabalho com crianças e com situações de atendimento psicossocial cuja demanda esteja atrelada a situações de violência e abuso sexual.

A propósito do uso do teatro e das rodas de conversa, conclui-se que se configuraram como duas ações possíveis no trabalho preventivo ao abuso sexual. Embora a atividade aqui apresentada se configure em uma ação local, espera-se que ela possa inspirar novas propostas de prevenção primária referente à temática, bem como futuras pesquisas empíricas que atestem a efetividades das ações preventivas, contribuindo assim com o conhecimento científico acumulado sobre o assunto. Conforme destaca Sanderson (2008) a prevenção do abuso sexual infantil é uma responsabilidade que deve ser compartilhada por toda a comunidade, não permitindo que este tipo de violência seja empurrado para baixo do tapete.

Nesse sentido, dialogar cuidadosamente sobre o tema com as crianças e desmistificar o fenômeno, buscando sua compreensão e o entendimento de sua dinâmica, colabora para tirá-lo da invisibilidade e contribui para a construção de uma sociedade mais protetiva. Nas palavras de Sanderson (2008), o diálogo aberto, seguro e preventivo sobre o abuso sexual infantil, possibilita que as crianças possam discuti-lo sem se sentirem envergonhadas, julgadas ou culpadas. É necessário, segundo essa autora, que as atividades de prevenção possibilitem que as crianças falem, sejam apoiadas e que tenham suas vozes ouvidas.

Acredita-se que o trabalho de prevenção realizado contribuiu para a criação de um espaço seguro de diálogo e de troca de conhecimentos com as crianças sobre os perigos do abuso sexual e outras formas de violência, sem que isso se configurasse em um momento incomodo para elas.

Referências

- AMARO, S. **Crianças vítimas de violência**: Das sombras do sofrimento à genealogia da resistência: uma nova teoria científica. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.
- ANDRADE, V.N.G.; SOUSA, S.M.G. As situações de violência e abuso sexual e os direitos das crianças e adolescentes. *In*: SOUSA, S.M.G.; MOREIRA, M.I.C. **Quebrando o silêncio**: disque 100. Goiânia: Cânone Editorial, 2013.
- ARAÚJO, R.S. Extensão Popular: Horizontes teórico-metodológicos para a condução do trabalho social universitário orientado pela educação popular. *In*: ARAÚJO, R.S.; CRUZ, P.J.S.C. (org.). **Educação popular e práticas sociais**: ação, processo formativo e construção do conhecimento. João Pessoa: Editora CCTAA, 2018. p. 49-101.
- ARCARI, C. **Pipo e Fifi**: prevenção de violência sexual na infância. Instituto Cores: 2013.
- BARROS, A.S. **Pais e violência contra filhos**: dimensões psicossociais e educativas sobre grupos a partir de experiência no CREAS. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2016.
- BARROS, A.S.; FREITAS, M. F. Q. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 102-114, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2020.
- BONETE, C. **Chapeuzinho Cor-de-Rosa e a astúcia do Lobo Mau**. Dourados: Biblio Editora, 2018.
- BRANDÃO, C.R. A participação da pesquisa no trabalho popular. *In*: BRANDÃO, C.R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2010. p. 223-252.
- BRINO, R.F.; WILLIAMS, L.C.A. **A escola como agente de prevenção do abuso sexual infantil**. São Carlos: Suprema, 2009.
- CANTARA, L. **Maltrato infantil y violencia familiar**: de la ocultación a la prevención. Informe elaborado para el Programa Sociedad Sin Violencia. Seminario Permanente sobre Violencia: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo en El Salvador. San Salvador, septiembre, 2002. 32 p.
- DUARTE, C.T.; ALVES, F.D.; SOMMERHALDE, A. Interações entre crianças em brincadeira na educação infantil: contribuições para a construção da identidade. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente - SP, v. 28, n. 2, p. 153 - 173, Maio/Agosto, 2017. DOI: 10.14572/nuances.v28i2.4550.
- FEITOSA, S.C.S. **Método Paulo Freire**: a reinvenção de um legado. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.
- FREIRE, A. M. A. Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã. *In*: AZEVEDO, José Clóvis de *et al.* (org.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000. p. 13-21.
- FREIRE, A. M. A. Inédito viável. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 223-226.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M.F.Q. Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas. *In*: JACÓ-VILELA, A.M.; SATO, L. (org.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 370-386.

FREITAS, M.F.Q. Políticas públicas e psicologia social comunitária: interfaces e desafios. *In*: DIAS, M.S.L.; BEATRIZ, M.Z. (org.). **Práticas do psicólogo em políticas públicas**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 29-42.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal interligados. Trad. Adriana Maria Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GUZZO, R.S.L. Revolução na psicologia escolar: as demandas da realidade escolar e do profissional na escola. *In*: SOUZA, M.R.; LEMOS, F.C.S.(org.). **Psicologia e Compromisso social: unidade na diversidade**. São Paulo: Escuta, 2009. p. 304.

GUZZO, Raquel Souza Lobo et al . Práticas promotoras de mudanças no cotidiano da escola pública: projeto ECOAR. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo , v. 11, n. 1, p. 153-167, jun. 2019 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272019000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abril 2020. <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.2967>.

HOFFMEISTER, M.V. **Entre quatro paredes**: a intervenção profissional do assistente social na tomada do depoimento especial de crianças e adolescentes em situação de abuso sexual. Porto Alegre: Lumen Juris, 2013.

LANE, S.T.M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. *In*: LANE, S.T.M.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 10-19.

MAIA, A. C.; BARRETO, M. Violência contra crianças e adolescentes no Amazonas: análise dos registros. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 17, n. 2, p. 195-204, 2012 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000200003>

MALGARIM, B. G.; BENETTI, S. P. C. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto. **Aletheia**, Canoas , n. 33, p. 123-137, dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2020

MARTÍN-BARÓ, I. **Acción y ideología**: Psicología Social desde Centroamérica. 2. ed. San Salvador: Uca Editores, 2012.

MARTÍN-BARÓ, I. O latino indolente: caráter ideológico do fatalismo latino-americano. *In*: MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na psicologia**: estudos psicossociais. (organização, tradução e notas de Fernando Lacerda Júnior). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 173-203.

MARTÍN-BARÓ, I. **Poder, ideologia y violência**. Madrid: Trotta, 2003.

SANCHEZ, R.N.; MINAYO, M.C.S. Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. *In*: LIMA, C. A. (coord.) *et al.* **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 29-38.

SANDERSON, C. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

SANTIAGO, D.E.; MATTIOLI, O.C. Violência doméstica consentida: a construção de sentidos pela criança vítima de maus tratos. *In*: MATTIOLI, O.C.; ARAÚJO, M.F.; GUIMARÃES, J.L. (org.). **A violência nos contextos familiar e social**: os desafios da pesquisa e da intervenção. Curitiba: Editora CRV, 2009. p.17-34.

SILVA, I.P. **O teatro essencial de Denise Stoklos**: caminhos para um sistema pessoal de atuação. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, 2008. (132 fl.).

SILVA, V.L.; BARRETO, K.M.L.; REIS, L.A.V.P. Arte e saúde: promovendo a comunicação e a capacidade funcional em idosos através do teatro. *In*: CRUZ, P.S.C.; RODRIGUES, A.P.M.E.; PEREIRA, E.A.A.L.; ARAÚJO, R.S.; ALENCAR, I.C. (org.). **Vivências de extensão em educação popular no Brasil**: volume 3: extensão e educação popular na reorientação de práticas, políticas e serviços de saúde. João Pessoa: Editora CCTA, 2018. pp. 417-428.

SIQUEIRA, A. C.; ARPINI, D. M.; SAVEGNAGO, S. D. O. Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Aletheia**, Canoas, n. 34, p. 109-122, abr. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2020.

SOUZA, C. M. L.; BATISTA, C. G. Interação entre crianças com necessidades especiais em contexto lúdico: possibilidades de desenvolvimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 383-391, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 maio 2020.

STOKLOS, D. **O teatro essencial de Denise Stoklos**. São Paulo: Série 25 anos. Essencial Denise Stoklos, 1993.

STOKLOS, D. “Eu Denise Stoklos meu teatro por mim mesma (Fundamentos do “Teatro Essencial”)” **Estado do Paraná**, Curitiba, 06 mai. 1987.

SZONDI, P. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.